



Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico. ISSN: 2446-6778

Nº X, volume X, artigo nº X, ---/--- 2017

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.20951/2446-6778/vXnXaX>

DESINTERESSE E AUSÊNCIA: O QUE LEVA O JOVEM A SE AFASTAR DA POLÍTICA

Laís da Conceição Alves Vicente¹

Renato Marcelo Resgala Júnior²

Geografia

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo principal retratar a realidade da inserção dos jovens na política, apresentando e discutindo as causas que levam ao distanciamento e as dificuldades nos últimos anos para exercer de fato, um papel tão importante que é a cidadania. Para descobrir o viés por trás disso, foram feitas entrevistas com jovens entre 16 e 21 anos, que estão cursando o ensino fundamental e médio de escolas públicas do município de Angra dos Reis. Espera-se que após a leitura do trabalho o leitor tenha a oportunidade de refletir sobre a importância de participar dos processos políticos, pois é na política que se decide o valor do pão, da carne, do arroz, do salário, como também o que se entrega de educação, lazer e saúde. Conceituar, portanto, o que é o sujeito político pode agregar valor à discussão sobre a relação entre jovens e a política nacional.

Palavras-chave: Política; Eleição; Democracia.

¹ UniRedentor, Geografia, Angra dos Reis-RJ, LaisvicenteGF@gmail.com

² Professor - Mestre em Letras (UFSJ); renato.junior@uniredentor.edu.br

Abstract

The present work has as its main objective to portray the reality of the insertion of young people in politics, presenting and discussing the causes that lead to the distancing and the difficulties in recent years to actually exercise such an important role, which is citizenship. To discover the bias behind this, interviews were made with young people between 15 and 22 years old, who are attending elementary and high school in public schools in the city of Angra dos Reis. It is hoped that after reading this work the reader will have the opportunity to reflect on the importance of participating in political processes, because it is in politics that the value of bread, meat, rice, and salaries is decided, as well as what is delivered in terms of education, leisure, and health. Therefore, conceptualizing what a political subject is can add value to the discussion about the relationship between young people and national politics.

Keywords: Policy; Election; Democracy.

1- INTRODUÇÃO

De acordo com o site TERRA (2022), o número de eleitores entre 16 e 17 anos diminuiu significativamente em 2022, mesmo ano das eleições presidenciais no país. O que pode estar influenciando os jovens a se distanciar cada vez mais da participação política? Bom, é isso que o trabalho visa esclarecer. Há algumas décadas, alguns pesquisadores, como Castro (2008) e Goulart e Santos (2014), trazem esse debate à tona, discorrendo sobre as causas e a percepção jovem do cenário político, no entanto, há uma necessidade de atualizar esse debate e incentivar ainda mais esses jovens a conhecerem seus direitos e deveres. Não há tempo mais para a juventude estar alheia ao seu futuro, aliás, não só seu futuro como o seu próprio presente, pois praticamente tudo é fruto do que se faz na política. O transporte, alimentação, saúde, escola ou faculdade, salário mínimo entre diversos outros setores são frutos das decisões políticas. Ora, quem melhor do que os jovens para decidir o que é melhor para eles? Precisamos então entender tudo por trás desse problema,

por exemplo, o que mudou desde a última eleição que fez os eleitores se desinteressarem ainda mais no processo eleitoral.

Quando se fala em política no Brasil, tem-se, aqui, uma situação delicada. Pode-se ouvir frases como “Os políticos só servem para nos roubar”, “Eu não entendo e nem quero saber” ou até “nada nunca vai mudar!”. Não há como discordar de tais afirmações, o histórico político do Brasil diz por si só: Ditadura, governos instáveis, escândalos de corrupção, eleições polêmicas como a última, em 2018, com a produção em massa de *fake news*. Entre diversas razões que fazem desacreditar em uma democracia.

Para chegar em uma resposta plausível pode-se pensar na própria construção do Brasil, pois seria impossível refletir sobre o hoje sem olhar para o passado, como Ribeiro (1995, p. 23) comenta:

“Subjacente à uniformidade cultural brasileira, esconde-se uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação nacional produziu. O antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população, fazendo as distâncias sociais mais intransponíveis que as diferenças raciais.”

Ainda segundo Ribeiro (1995), nunca faltou na história do Brasil o apelo à violência pela classe dominante como arma fundamental na construção da história e sim a falta de espaço para movimentos sociais capazes de promover sua reversão. De acordo com o autor não há uma compreensão clara do que aconteceu no Brasil, de maneira geral, é como se a todo custo não se fizesse o papel de aprender com os erros do passado e corrigir todas as consequências e atrocidades cometidas com o povo, e sim de “varrer” para debaixo do tapete, seguindo em frente, esquecendo e anulando toda a dor e desigualdades sociais que a colonização causou às vítimas e seus descendentes.

Dessa forma, entende-se que o Brasil como se conhece sempre esteve voltado aos abismos entre as classes sociais e que os meios para igualar as oportunidades nem sempre funcionaram. Pode-se notar claramente isso no papel da escola na formação dos jovens, uma vez que o ser “cidadão” está intimamente ligado com a formação acadêmica, pois é no contexto escolar que aprende-se a ser, fazer, conviver e conhecer. No entanto, com todos os ataques que a educação

pública sofre, desde a falha no processo de formar esses alunos até os gigantescos cortes em verbas, colocam em situação de vulnerabilidade aqueles que dependem do ensino público, em sua maioria, negros e pobres.

No tocante a educação no Brasil, esta que deveria ser uma educação libertadora como defende Paulo Freire, não mudou muito desde a educação jesuítica pra cá. As classes continuam da mesma forma, o currículo pode até ter mudado, mas a sua aplicação de fato demonstra diversas falhas. Dessa forma, os alunos de escolas particulares se sobressaem e têm muito mais oportunidades do que os alunos de escola pública.

Já no que tange a representação desses jovens, pode-se levar em consideração a falta de representatividade das minorias no poder político, minorias que não são na verdade poucas pessoas e sim um grande quantitativo, e que são os grupos sociais que foram e ainda são marginalizados e excluídos da sociedade. Ora, se não há pessoas que têm interesses semelhantes aos meus, porque devo confiar naqueles que suas realidades são totalmente diferentes da minha? Quando esses grupos não se sentem representados, faz com que naturalmente se afastam dos processos eleitorais, como explica Paulo Bonavides em seu livro *Ciência Política* (2000) quando discorre que por uma diferença de votos mesmo que mínima, um partido ganhe as eleições majoritárias levando ao descontentamento e desesperança por parte dos perdedores.

Além de todas as causas históricas, estamos diante de diversos problemas relacionados a ela. Nem sempre será claro, nem mesmo para os sujeitos o porquê se faz necessário sua participação, porque de certa forma “as coisas sempre foram assim e serão”, essa aversão pode ser explicada por Bauman (1999, p. 7):

“[...] não sentimos necessidade (de novo, salvo irritações menores e fortuitas) de ir para as ruas protestar e exigir maior liberdade do que já temos ou achamos ter. Mas, por outro lado, tendemos a crer com a mesma convicção que pouco podemos mudar — sozinhos, em grupo ou todos juntos”

A insegurança que o sistema político passa faz com que as pessoas acreditem que não dá para mudar alguma coisa e que garantias teriam que realmente melhorariam se pudessem fazer algo? Que garantias dariam para acreditar que a

voz do povo é realmente ouvida? Todos os exemplos ruins de que na política o jogo de interesse e dinheiro mandam mais que a ética, o respeito, a empatia e que aqui se faz realmente uma democracia já foram dados, é o que acontece no Brasil desde sua colonização e carrega esse fardo até hoje.

Durante as eleições de 2018 o Brasil teve uma grande produção de notícias falsas circulando pelas redes sociais, muito parecido com o que houve nas eleições presidenciais dos Estados Unidos em 2016 onde estavam na disputa principal Hillary Clinton e Donald Trump. É óbvio o papel da internet na busca por informações e os partidos e organizações fazem proveito disso, não só eles como o próprio eleitor. E é aí que se encontra o problema, você pode achar milhares de informações, mas como saber que essas são verdadeiras?

As demandas do século XXI se debruçam sobre o jovem que precisa arrumar um emprego, se formar e ter boas qualificações, entre diversos outros requisitos, e por isso essa busca por informações verdadeiras pode ser difícil. É mais confortável acreditar no que o amigo do seu amigo disse no grupo de Whatsapp do que ler um artigo que fale sobre o assunto. No entanto, é importante destacar que aqueles que têm acesso à internet não estão alheios ao que acontece na política, mesmo que em maior ou menor grau essas informações chegam de alguma forma.

O ponto principal é que a juventude já está cansada de ver as mesmas histórias, até mesmo as buscas podem ser cansativas ou desanimadoras quando você já viu tantas coisas ruins no cenário político do Brasil, a juventude não é nem mesma levada a sério por aqueles que estão no poder. Ratifica Castro (2008, p. 3):

“Se os direitos universais – à educação, por exemplo não têm sido de facto implementados, principalmente para crianças e jovens pobres (ainda que as leis brasileiras preconizam-nos), a situação de fato parece demasiadamente real nos seus efeitos de subjetivação, ou seja, corre-se o risco de naturalizar-se o arbítrio humano, de habituar-se com as desigualdades e com o mal-estar que elas causam.”

O sentimento de que algo mudará vai diminuindo ao decorrer do tempo, porque até aqui os problemas básicos nunca foram resolvidos. No entanto, o presente e o futuro dos jovens não podem ser deixados para que os mais velhos decidam, pois é a vida da juventude que está em jogo. Não pode-se mais pensar que os

adolescentes são inconsequentes e não sabem o que é melhor para eles, usando o termo que melhor os define é de que os jovens são “o futuro no presente” e por isso devem ser considerados atores estratégicos para o desenvolvimento social desde já. (GOULART e SANTOS, 2014, p. 7).

Política não é o que se faz apenas dentro dos partidos, se restringindo ali em um ciclo fechado de senhores de meia idade que decidem a vida da nação seguindo seus próprios interesses. Os adolescentes precisam assimilar que até dentro de casa se faz política, na igreja ou na escola, se abster dessas decisões pode trazer consequências não só para o indivíduo, mas para todo um grupo em que ele está inserido.

Remetendo aos que escolhem não fazer parte dos processos políticos, as autoras Leite e Aragão (2010) ressaltam que “Toda relação com o outro é política porque afeta o campo social, produzindo movimentações e interferências, criando as formas com que nos relacionamos com o outro e com o mundo”. Destaca-se aqui a importância do sujeito político, que está inserido na sociedade sendo a todo tempo regido e influenciado pela política. Complementa Leite e Aragão (2010, p. 549):

“Numa proposição democrática de ação, o sujeito ético-político, tendo como condição e objetivo de suas ações a liberdade, inventa as saídas e cria caminhos alternativos para a ação política. E assim faz porque entende que a questão dos direitos, inclusive o de participação nas decisões públicas - direito esse tão prometido quanto desejado - é efetivamente uma via especial no longo caminho de reinvenção da democracia.”

O sujeito não está só sendo comandado pelas políticas em todas esferas da sociedade, como deveria estar fazendo parte delas, criando, fiscalizando, implementando como é o caso das políticas públicas. Este é o grande ponto, essas medidas não são para beneficiar a população como se fosse um presente dos poderes públicos como destaca muito bem Leite e Aragão (2010) em seu artigo, e sim, um direito legal resultado de lutas e aspirações coletivas construídas historicamente pelos homens.

No começo do trabalho fora comentado que o número de eleitores entre 16 e 18 anos tinha diminuído significativamente, o mais baixo desde que o voto para

menores tinha sido aprovado. No entanto houve uma virada durante o último mês, o que fez o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) comemorar, (TSE, 2022) “Entre janeiro e abril deste ano o país ganhou 2.042.817 novos eleitores entre 16 e 18 anos, um aumento de 47,2% em relação ao mesmo período em 2018”.

Pode-se dar destaque aos esforços que artistas vêm fazendo nos últimos meses ao saber da notícia dos baixos números de eleitores jovens no mês de fevereiro, esses que são em grande porcentagem o seu público. Já durante o mês de março esse incentivo tomou grande proporção com o registro de mais de 1 milhão e 50 mil novos eleitores (PUENTE, 2022). É notório que se houver o incentivo certo, da maneira mais cativante possível, os resultados serão satisfatórios como esse quando os números apontavam totalmente o contrário em questão de um a dois meses.

2- REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Política em uma sociedade democrática

Política pode ser definida como “Ato de governar e de tomar decisões” segundo TODA POLÍTICA (2018). É por meio dela, que as sociedades se organizam e tomam as mais variadas decisões em conjunto, na maioria dos casos, pelo sistema democrático. Se abster das decisões políticas pode ser prejudicial, uma vez que nem todas as opiniões e vivências serão levadas em consideração.

Bauman (2000) afirma que a arte da política, se for democrática, é a arte de desmontar os limites à liberdade dos cidadãos. Essa liberdade vem do resultado de uma emancipação dos sujeitos, de todo um processo que visa esclarecer a importância da opinião e vivências de cada um, que a partir daí se faz uma democracia, aquela que escuta e que todo poder deve vir do povo, unidos em causas em comum buscando melhorar a sociedade.

No entanto, o afastamento nos últimos anos vem de três termos importantes: "Incerteza, insegurança e falta de garantia" (BAUMAN, 2000, p. 10). É por isso que se vê a apatia dos jovens em se mobilizarem, e aqueles ainda que querem e se dispõem a mudar a ordem das coisas, muitas vezes se vêem sozinho nessa jornada, é o que Castro (2008) em sua pesquisa traz à tona, após entrevistar 25 jovens, entre eles militantes de partidos e jovens engajados em serviços sociais, de que estar em determinados movimentos e acreditar num futuro melhor pode trazer consequências em diversos âmbitos da sua vida quando se dedica a algo que acredita, mas mesmo assim, há neles a convicção de que estão no caminho certo e que estar em casa reclamando não adiantaria de nada.

Ainda de acordo com Castro (2008) a autora destaca a pesquisa de Abramo e Branco (2005) em que levantam os seguintes dados:

“Ressaltam-se alguns aspectos: apenas 15% de jovens participam de quaisquer atividades de grupo no bairro e na cidade, mesmo que 37% dos jovens reconheçam que a política “influi muito” em suas vidas. Além disso, o item “confiança nas instituições” mostra que 83% dos jovens confiam totalmente na família, mas, no que se refere aos partidos políticos, esse valor é de apenas 3% (CASTRO, 2008, p. 4)

Dessa forma é extremamente relevante levar em consideração o que os jovens pensam sobre a democracia, uma vez que é através dela que as decisões devem ser tomadas. Segundo Castro (2008) em seus estudos relatou que muitos jovens diziam acreditar que a democracia é a melhor forma de governo, mas não acham que o que se esteja vivendo no Brasil seja realmente uma democracia, outrora porque não há justiça social e porque a representatividade é uma fraude, revelando assim uma visão de um governo que não se importa com sua nação e que todas as vozes não são ouvidas.

2.3 Participação política dos jovens

Desde a década de 1970 a ONU (Organização das Nações Unidas) vem realizando ações para a colaboração da juventude na participação política e social, incentivando planos de desenvolvimento que integrem essa população de fato. No Brasil o Plano Nacional da Juventude, revogado em 2004 foi criado com o intuito de inserir os jovens por meio de ações, medidas e políticas públicas na vida política

(SANTOS e GOULART, 2014). Este documento leva em consideração que um dos objetivos do Plano é incorporar “integralmente os jovens ao desenvolvimento do País, por meio de uma política nacional de juventude voltada aos aspectos humanos, sociais, culturais, educacionais, econômicos, desportivos, religiosos e familiares” (GOULART e SANTOS *apud* Brasil, 2004).

A partir dessas ações é que os jovens começarão a entender o seu papel, não como passíveis do processo histórico do país, como alguém que ainda não tem direito a decisões e só serão úteis apenas quando atingir a maioridade. Mas sim, como forma de se auto afirmar na sociedade, por meio de sua conscientização explicada por Freire (1970) “ Não é a conscientização que pode levar o povo à “fanatismos destrutivos”. Pelo contrário, a conscientização, que lhe possibilita inserir-se no processo histórico, como sujeito, evita os fanatismos e o inscreve na busca de sua afirmação.” Tomando decisões que dizem interesse a ele e toda coletividade, se tornando responsável pelas ações que decidirão o seu futuro e de seus pares, não deixando que outras pessoas tomem as decisões no seu lugar.

Ainda sobre a relevante participação jovem, Goulart e Santos (2014, p. 10) salientam a sua importância quando dizem:

“[...] Não há rebeldia contra o sistema, mas consciência do seu papel dentro do sistema. Não se faz uma crítica radical à sociedade, contrariamente, tenta-se consertá-la, incluindo-se a ela. É um modo de subjetivação (Foucault, 1984) em que o jovem se torna um cidadão importante na manutenção do bem-estar social, vendo-se como agente disso.”

Discorre Bauman (2000, p. 11) “A liberdade individual só pode ser produto do trabalho coletivo (só pode ser assegurada e garantida coletivamente)”. O que o autor quer dizer é que até mesmo a liberdade individual é conquistada coletivamente, não há outro meio que se não o político para reivindicar seus direitos e fazer valer uma constituição, os direitos da juventude só serão efetivados quando a própria estiver disposta a lutar por isso “Desfazer a sociedade, para refazê-la” (RIBEIRO, 1995, p. 209), o que implica em luta e ação participativa.

3- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do presente trabalho foram feitas pesquisas bibliográficas, onde os principais autores que embasam esta pesquisa são: Bauman (2000); Bonavides (2000); Castro (2008 e 2009); Goulart e Santos (2014); Leite e Aragão (2010) e Ribeiro (1995). Também foi realizada uma pesquisa de campo, por meio de entrevista online, via “Formulários do Google”, com 27 jovens, entre 16 e 21 anos, estudantes de escola pública e particular, que responderam 10 perguntas mescladas entre objetivas e discursivas sobre sua perspectiva política. O formulário ficou disponível entre os meses de maio e agosto de 2022, valendo ressaltar que os entrevistados são moradores da cidade de Angra dos Reis-RJ, sendo assim os resultados aqui obtidos refletem apenas o que pensam alguns jovens do município, não se aplicando a outras regiões do Brasil.

4- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Espera-se que o presente trabalho apresente e discuta os motivos por trás do afastamento e desinteresse pela política por parte dos jovens, fazendo um recorte histórico com os problemas herdados da colonização do Brasil e como se comporta sua estratificação social. Espera-se também que seja uma maneira de abrir os olhos dos leitores a partir das respostas das entrevistas, para que não só o futuro como o presente dos jovens seja decidido pelos principais atores do cenário brasileiro.

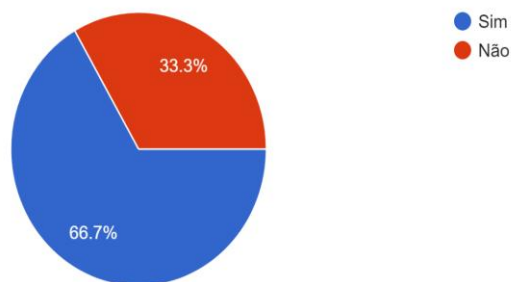
4.1 RESULTADOS

A primeira pergunta do questionário serviu para identificação dos entrevistados, com nome, idade e escola que frequentam. Cabe ressaltar que a maior parte dos entrevistados tinham entre 16 e 18 anos, além de serem também em maioria de escola pública.

Gráfico 1: Título de eleitor.

Você possui o título de eleitor?

27 responses

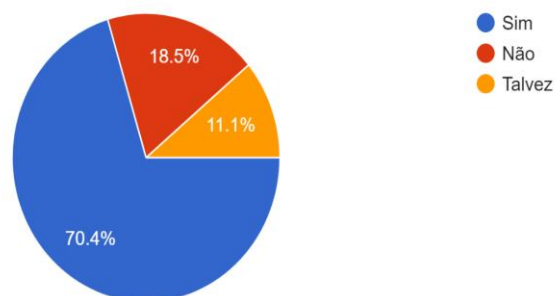


Nessa segunda pergunta, foi questionado se os entrevistados possuem título de eleitor: 66,7% responderam que sim e 33,3% que não possuem.

Gráfico 2: Eleições de 2022.

Você votará nas eleições deste ano de 2022?

27 responses

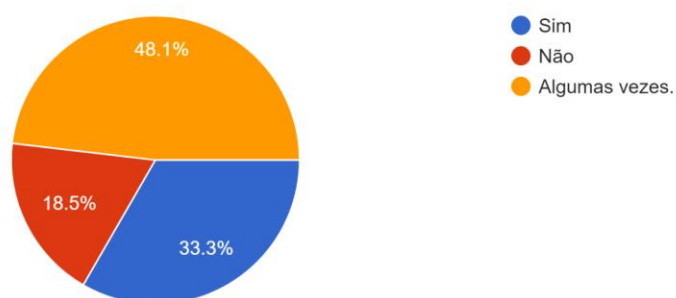


Conforme demonstra o gráfico, 70,4% dos entrevistados responderam que sim, votarão nas eleições deste ano de 2022, enquanto 18,5% responderam que não votarão e 11,1% talvez.

Gráfico 3: Acompanhamento por jornais, internet e outros meios de comunicação sobre a política atual.

Você acompanha por jornais, internet e outros meios de comunicação a situação política atual?

27 responses

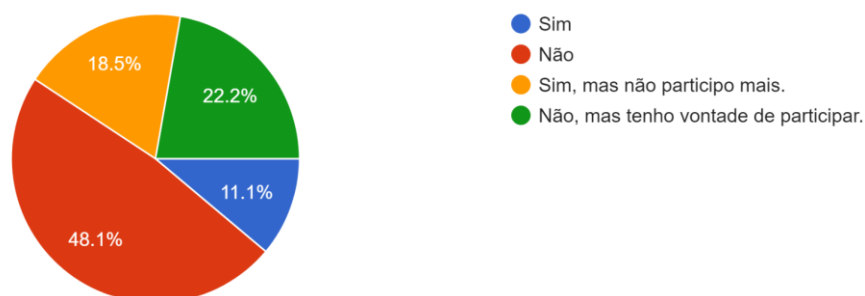


Dos 27 entrevistados, 48,1% responderam que algumas vezes acompanham por jornais, internet e outros meios de comunicação a situação política atual, 33,3% disseram que sim e os outros 18,5% disseram que não acompanham.

Gráfico 4: Participação em grêmios estudantis, movimentos sociais ou outra forma de organização.

Você já participou de grêmios estudantis, movimentos sociais ou outra forma de organização?

27 responses

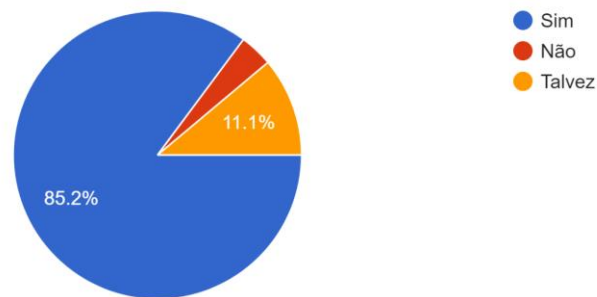


Esta pergunta refere-se à participação dos entrevistados em grêmios estudantis, movimentos sociais e outras formas de organização. 48,1% responderam que não participaram, 22,2% nunca participaram, mas tem vontade de participar, 18,5% disseram que já participaram, mas não participam mais e os outros 11,1% que sim.

Gráfico 5: Importância da participação política de jovens.

Você acha importante a participação política de pessoas da sua idade?

27 responses

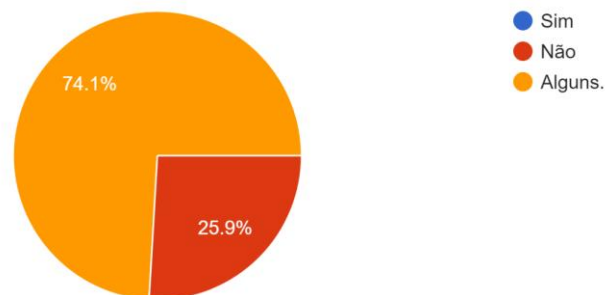


Sobre a importância da participação política de pessoas da idade dos entrevistados, 85,2% responderam que acham importante, enquanto 11,1% disseram talvez e 3,7% que não acham importante.

Gráfico 6: Engajamento jovem na política.

Os jovens no seu entorno estão engajados com política?

27 responses

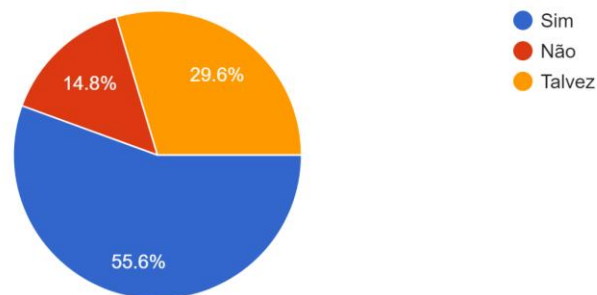


Foi questionado se os jovens do entorno dos entrevistados estão engajados com política. A resposta de 74,1% foi de que alguns os outros 25,9% disseram que não. Não houve nenhuma resposta “sim”.

Gráfico 7: Mudança com a participação política.

Você acredita que pode mudar as coisas para melhor com a sua participação política?

27 responses

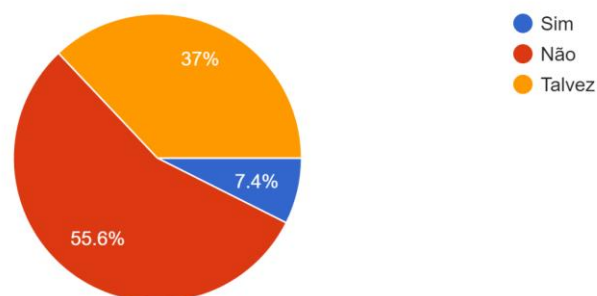


Na sétima pergunta 55,6% dos entrevistados disseram que sim, que acreditam que podem mudar as coisas para melhor com a sua participação política, em detrimento de 29,6% que responderam talvez e os outros 14,8% que não acreditam que podem mudar as coisas para melhor com sua participação política.

Gráfico 8: Participação em debates políticos.

Você tem vontade de participar ativamente de debates políticos?

27 responses



Os entrevistados foram perguntados se têm vontade de participar ativamente de debates políticos. 55,6% responderam que não, 37% talvez e os outros 7,4% que sim.

Por último, foi apresentado que existe um afastamento enorme da política por parte dos jovens e se os entrevistados conseguiam imaginar o porquê. As respostas obtidas foram expressas na tabela a seguir:

Tabela 1:

<i>"Penso que as muitas notícias ruins desse meio nos afasta e cria essa falta de interesse. Acredito que ninguém gosta de se envolver em meios que possuem "problemas" para resolver, gostamos das coisas prontas. Muitas vezes queremos mudança mas infelizmente não queremos responsabilidades." Elisa (21 anos).</i>	<i>"Muitos não levam a sério, ou simplesmente ignoram o fato de ter que tomar uma decisão responsável para escolher alguém que possa fazer algo pelo nosso futuro, além de grande parte não pensar muito além de seu estado atual na sociedade." Daniela (17 anos).</i>	<i>"A linguagem que muitos locutores utilizam para transmitir informações, são muito complexas para os estudantes e jovens, e a falta de representatividade dos no jovens na política também influencia bastante." Daniel (16 anos).</i>
<i>"A grande maioria acha que não pode fazer a diferença". Vitória (16 anos).</i>	<i>"Acho que pela falta de interesse da maioria dos jovens." Douglas (18 anos).</i>	<i>"Falta de interesse dos jovens." Sthefany (16 anos).</i>
<i>"Porque na geração de hoje em dia, há muito desinteresse da parte dos jovens." Ana Clara (18 anos).</i>	<i>"Porque a maioria não se interessa mais pelo governo do nosso país, o que antes foi uma luta pra conseguir a liberdade dos jovens votarem." Ester (17 anos).</i>	<i>"Desinteresse, desesperança e o grupo social em que estão inseridos." Amanda (18 anos).</i>
<i>"Pode ser pela falta de informação ou coragem de revolucionar, alguns não ligam pro futuro por depender dos pais.. " Lauane (16 anos).</i>	<i>"acho que algumas pessoas não gostam de falar sobre política ou que não conseguem entender ." Victoria (17 anos).</i>	<i>"Porque somos muito novos para quebrar cabeça com coisas que estão muito acima das propriedades, não temos muito senso sobre política ainda, o certo nessa fase adulta é se dedicar aos estudos." Pedro (16 anos).</i>

<i>"imagino que eles acham que política é para os mais velhos e não é necessário o interesse dos jovens no caso."</i> (Lucas, 18 anos)	<i>"Ao meu ver, hoje em dia, acredito que a participação dos jovens está muito mais ativa do que antigamente, mas não da maneira correta, eu diria! É muito bom ver jovens na pesquisa por isso e aquilo, mas a tendenciosidade afeta muito tais notícias! Onde tudo vira meme, as pessoas não levam a sério, principalmente os jovens, o que é mais importante, absorver tal informação e aplicá-la na sua escolha ou simplesmente compartilhar pois ataca e ridiculariza o lado "oposto" ao seu! Eu não diria que há afastamento dos jovens em meio a política, diria que não há discernimento correto dos mesmos sobre o que política se trata realmente, fora todo o sistema já implantado que há tempos vem alienando e alienando mais e mais para que a política se torne errada, cansativa e coisas que desinteressam as pessoas!."</i> Anaya (19 anos).	<i>"Não."</i> ou não souberam responder: Angela (17) Thamely, Evelin (21), Serena (16), Ana Paula, Anna Alice (18), Clara e Ana clara.
---	--	---

4.2 Discussões

É notório a partir da análise da entrevista que muitos jovens sabem o seu papel na política, mas encontram muitas barreiras que os desestimulam a participar ativamente. Como visto na pergunta de número 2 expressa no gráfico 1, tem-se um bom número de jovens que possuem o título de eleitor sendo eles 66, 7% dos entrevistados, onde é bom frisar que no Brasil o voto a partir dos 16 anos não é obrigatório, mesmo assim, possuem a intenção de votar nessas eleições de 2022.

Um dos problemas mais citados é o que confirma o próprio nome do trabalho, a falta de interesse. No mais, o que importa é responder o porquê disso e eles mesmos respondem essa questão, sejam as notícias ruins, a linguagem que se transmite as informações, a falta de representatividade, o sentimento de que não

pode fazer nenhuma mudança significativa, a ideia de que política é para as pessoas mais velhas confirmando as hipóteses aqui levantadas.

No entanto, existem duas respostas que chamam muito atenção, a de Anaya (18 anos) que afirma que os jovens são sim mais ativos do que antigamente, mas não da maneira certa. Isso pode ser explicado pelo o que a própria ressalta sobre como as informações e a política se apresentam a esses adolescentes, como motivo de piada em “memes”, não levando a uma reflexão e debate mais profundo sobre os acontecimentos. Hoje, por mais que as pessoas tenham a internet ao seu favor, principalmente os jovens, se torna o momento de lazer e não de aprender, o que também está explícito no gráfico 3 em que quase a maioria acompanha algumas vezes as notícias pelos meios de comunicação (Internet, TV, jornais etc.) O que deveria ser uma situação comum no dia a dia já que os adolescentes estão conectados quase que a todo momento nas redes sociais.

A outra resposta que chamou atenção é a de Pedro (16 anos) em que o mesmo afirma que eles são novos para “quebrar a cabeça” com política e que não tem muito senso sobre política, sendo o certo então se preocupar com as prioridades. Essa fala confirma ainda mais que as demandas como estudar e posteriormente na vida adulta trabalhar são repassadas de uma forma totalmente errônea para esses jovens, porque as decisões políticas influenciam essas áreas que os mesmos julgam como “prioridade” a qualidade de vida que terão, a proteção dos seus direitos sejam eles trabalhistas ou estudantis.

5- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em outubro de 1988, os jovens brasileiros tiveram o direito ao voto de acordo com a nova constituição, sendo para menores entre 16 e 17 anos o voto é facultativo. O que representou um grande avanço, uma grande motivação para os jovens eleitores principalmente pós-ditadura, teve queda na participação dos mesmos ao decorrer dos anos. O trabalho visou esclarecer e investigar esses motivos do afastamento, do desinteresse e ausência dos mais novos nos assuntos

que se referem à política, desde o que está acontecendo nas esferas políticas do país até a participação nas eleições.

É importante ressaltar que a pesquisa confirmou que os adolescentes ainda não têm noção do porquê se faz necessário sua participação e o quão importante é estar ligado no que acontece dentro dos partidos, do senado, da câmara dos deputados e demais instituições políticas. Muitos acham que política é assunto à parte, dos mais velhos, ou que não muda em nada em suas vidas e até mesmo que não é responsabilidade deles. Este pensamento ainda circula fortemente entre esse grupo.

A partir das entrevistas pelo Google Formulários, se demonstrou ainda mais essencial a educação política da juventude, o incentivo à participação de uma maneira que os envolvam, que torne política um assunto interessante e essencial em suas vidas. O pertencimento e o sentimento de fazer a diferença democraticamente deve ser ensinado desde a idade mais tenra, deve ser comum acreditar que a realidade pode ser transformada a partir da manifestação e reivindicação dos seus direitos, para que as desigualdades não sejam conformadas.

Há uma necessidade mais do que urgente de despertar o sujeito político dentro dos cidadãos e que isso seja feito principalmente por meio da educação, para que os jovens saibam os fundamentos da política e sua importância na vida em sociedade para que não se torne comum se abster dos seus direitos ou não ter nenhum conhecimento sobre eles. Dessa forma, a pesquisa realizada se torna ainda mais relevante pelo fato de retratar que mesmo após a era da informação, a reformulação do currículo escolar e o direito ao voto, há problemas estruturais que alienam os jovens os fazendo pensar que não são importantes a ponto de mudar o rumo da realidade em que vivem.

REFERÊNCIAS

ARIAS, Juan. Por que a política está perdendo os jovens?. *El País*, 2014. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/25/opinion/1393327985_472397.html.

Acesso em: 10 mar. 2022.

BAUMAN, Zygmunt. **Em Busca da Política**. 1 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BONAVIDES, Paulo. **Ciência Política**. 10. ed. São Paulo: Malheiros Editores LTDA, 2000.

CASTRO, Lucia Rabello de. Juventude e Socialização Política: Atualizando o Debate. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 479-487, dev. 2009.

CASTRO, Lucia Rabello de. PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E JUVENTUDE: DO MAL-ESTAR À RESPONSABILIZAÇÃO FRENTE AO DESTINO COMUM. **Revista Sociologia Política**, v. 16, n. 30, p. 253-268, jun. 2008

CÔRTEZ, Gustavo; MEDEIROS, Davi. Total de eleitores entre 16 e 17 anos chega ao menor patamar. Terra, 2022. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/eleicoes/total-de-eleitores-entre-16-e-17-anos-chega-ao-menor-patamar,f4490bfe3c82c5470edf42e3c3af02bdhdtfs7b9.html>.

Acesso em: 10 mar. 2022.

FOIADELLI, Beatriz; REIS, Eduardo; FERNANDES, Gabrielle; FÉLIX, Leticia; PALERMO, Luiza e TOLEDO, Maria. Entenda a (não) participação do jovem na política. Revista Esquinas, 2020. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/politica/a-nao-participacao-do-jovem-na-politica/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

GOULART, Marcos Vinicius da Silva; SANTOS, Nair Iracema Silveira dos. Protagonismo juvenil e capital humano: uma análise da participação política da juventude no Brasil. Ciências Sociais Unisinos, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, v. 50, n. 2, p. 127-136, ago. 2014.

LARA, Matheus. Crise e desilusão afastam o jovem da política. **Estadão**, 2021. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,crise-e-desilusao-afastam-jovem-da-politica,70003631531>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LEITE, Lidiane; ARAGÃO, Elizabeth Maria Andrade. O exercício ético na constituição do sujeito político como cidadão. **Fractal**: Revista de Psicologia, Niterói, v. 22, n. 3, p. 543-556, dez. 2010. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1984-02922010000900007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/JMV6GYBw5cyW5sCqZr3fYVt/?lang=pt>. Acesso em: 16 maio 2022

LENZI, Tié. O que é política? Toda Política, 2018. Disponível em: <https://www.todapolitica.com/o-que-e-politica/>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A Formação e o Sentido do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1995.

UNIBH. O engajamento do jovem na política pode mudar o Brasil realmente?. Unibh, 2020. Disponível em: <<<https://www.unibh.br/blog/o-engajamento-politico-do-jovem-pode-mudar-o-brasil-realmente/>>>. Acesso em 12 de maio de 2022.